

A inveja, *leitwort* e *leitmotiv* de Curial e Guelfa

Armando Alexandre dos Santos
Universidade do Sul de Santa Catarina

O objetivo expresso da novela de cavalaria Curial e Guelfa é advertir os leitores sobre “quão grande é o perigo, quantas são as sollicitudes e angústias daqueles que sofrem por amor.”¹ Esse escopo foi assinalado, logo no próêmio do Livro Primeiro, pelo autor da novela.² O amor entre Curial e Guelfa, atrapalhado pelos ciúmes dela e pelas vacilações dele, e posto à prova pela intromissão de duas concorrentes, Láquesis e Camar, constitui o eixo temático da novela. Em torno desse eixo, porém, desde o início até o final, a todo o momento se faz presente a inveja, e isso a tal ponto que ela chega a constituir o *leitmotiv* ou o fio condutor de *Curial e Guelfa* (Costa & Santos 2015a, 159-179).

A inveja está presente na novela a vários títulos, fazendo-se notar de vários modos diferentes.

1. Análise pelo critério quantitativo

Preliminarmente, num critério apenas quantitativo, observe-se a grande frequência com que aparecem no texto e nos títulos dos capítulos da novela o substantivo INVEJA, ou o verbo INVEJAR, ou o adjetivo INVEJOSO(S). Nos títulos, essas palavras aparecem explicitamente 15 vezes, e o adjetivo INVEJOSOS está subentendido, por silepse, outras 4 vezes, em alusões a Ansaldo e Ambrósio, os dois cavaleiros anciãos que, movidos pela inveja, perseguiram implacavelmente a Curial por anos a fio:

I.8. A inveja de dois cavaleiros, Ansaldo e Ambrósio

I.9. Os dois cavaleiros [invejosos] surpreendem Guelfa e Curial a se beijar

¹ No texto original: [quant és gran lo perill, quantes són les sollicituts e les congoxes a aquells qui -s treballen en amor] (f.1)). Os textos do original catalão citados no presente artigo serão sempre extraídos da acurada edição filológica da novela publicada pelo Prof. Antoni Ferrando (*Anònim. Curial e Güelfa – Introducció i edició filològica per Antoni Ferrando*. Toulouse: Anacharsis, 2007). As referências de páginas corresponderão sempre aos fôlios do códice manuscrito de *Curial e Guelfa*, existente na Biblioteca Nacional de Madrid (registro Ms. 9750). Os textos da novela citados em português serão sempre extraídos da tradução do Prof. Ricardo da Costa (*Anônimo. Curial e Guelfa. – Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa – Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutório e edição de base: Antoni Ferrando. Santa Barbara, CA : EHumanista, 2011*).

² Até há pouco tempo admitia-se de modo consensual a autoria anônima da novela, mas hoje pode-se mais bem atribuí-la a um autor perfeitamente conhecido e caracterizado. Sua identificação é devida ao Prof. Abel Soler, da Universidade de Valência, cujos estudos tomaram a configuração de uma tese de doutorado em Filologia Catalã defendida em 2016 na mesma Universidade, sob orientação do Prof. Antoni Ferrando, com o título de “*La cort napolitana d’Alfons el Magnànim: el context de “Curial e Güelfa”*”. Soler concluiu, após minucioso levantamento de mais de 200 biografias de possíveis autores da novela, e após a análise heurística e hermenêutica do manuscrito de *Curial e Guelfa*, que o autor da novela foi muito provavelmente Enyego d’Àvalos (1414-1484) – cavaleiro de alta cultura que nasceu em Toledo e foi criado em Valência, onde se embebeu da cultura local, e mais tarde viveu em Nápoles, como *gran camarlengo* do rei Afonso o Magnânimo, ali convivendo com elementos da nobreza valenciana. Em artigo publicado na revista *Estudis Romànics*, Soler assinala que a identificação de Enyego D’Àvalos como autor de Curial e Guelfa de momento “sols pot enunciar-se a títol hipotètic i amb la cautela que requereix el cas” (Soler 2017b, 158). Mas o altíssimo grau de probabilidade dessa hipótese é realçado por Soler em outro artigo publicado no mesmo ano, no *Archivio Storico per le Province Napoletane*, no qual se refere a D’Àvalos como “el más que probable autor – sin alternativa viable a la vista” da novela Curial e Guelfa (Soler 2017a, 34).

- I.10. Os dois cavaleiros [invejosos] denunciam os amores de Guelfa ao marquês
- I.12. Após falar com Curial, o marquês suspeita dos cavaleiros invejosos
- II.92. Os cavaleiros invejosos se oferecem ao marquês para ir à França buscar um marido para Guelfa e tratar com monsenhor Antônio
- II.93. Curial recebe os cavaleiros invejosos
- II.95. Curial obsequia os cavaleiros invejosos
- II.96. Os cavaleiros invejosos desejam a vitória do “Javali”
- II.97. Imprecação à Inveja
- II.115. O conselho de um dos dois cavaleiros invejosos ao rei da França
- II.117. O conselho do outro cavaleiro invejoso ao rei da França
- II.118. A resposta do rei da França aos dois cavaleiros [invejosos]
- II.119. Embaixada de Curial e dos dois cavaleiros invejosos ao duque de Borgonha a propósito de monsenhor Antonio
- II.120. Curial envia os dois cavaleiros invejosos ao marquês de Montferrat
- II.121. Os cavaleiros invejosos informam ao marquês e a Guelfa sua missão na França
- II.126. Os cavaleiros invejosos falam mal de Curial
- II.127. Guelfa crê na versão dos cavaleiros invejosos e deixa de proteger Curial
- III.94. A Fortuna aparece a Guelfa em sonho e lhe mostra a Inveja, que guiava as perversas intenções dos dois cavaleiros [invejosos] anciãos³

É bem verdade que os títulos de capítulos não constavam do manuscrito original da novela e foram apostos posteriormente, para facilitar a leitura e inteligência do seu texto⁴.

³ No texto original: [I.8. Enveja de dos cavallers ancians, Ansaldo i Ambròsio]; [I.9. Els dos cavallers envejosos sorprenen Curial i la Güelfa besant-se]; [I.10. Els dos cavallers envejosos delaten al marquès els amors de la Güelfa]; [I.12. El marquès, havent parlat amb Curial, sospita dels dos cavallers envejosos]; [II.92. Els cavallers envejosos s’ofereixen al marquès per anar a França a cercar marit per a la Güelfa i tractar amb Antoni Mossenyor]; [II.93. Curial rep els cavallers envejosos]; [II.95. Curial obsequia els cavallers envejosos]; [II.96. Els cavallers envejosos desitgen la victòria del Sanglier]; [II.97. Imprecació a l’Enveja]; [II.115. Consell d’un dels dos cavallers envejosos al rei de França]; [II.117. Consell de l’altre cavaller envejós al rei de França]; [II.118. Resposta del rei de França a tots dos (cavallers envejosos)]; [II.119. Ambaixada de Curial i dels dos cavallers envejosos al duc de Borgonya a propòsit d’Antoni Mossenyor]; [II. 120. Curial tramet dos cavallers envejosos al marquès de Monferrat]; [II.121. Els cavallers envejosos informen el marquès i la Güelfa de llur missió a França]; [II.126. Els cavallers envejosos malparlen de Curial]; [II.127. La Güelfa creu la versió dels cavallers envejosos i deixa de protegir Curial]; [III.94. La Fortuna s’apareix en somnis a la Güelfa i li descobreix l’Enveja, que guiava les perverses intencions dels dos cavallers ancians].

⁴ No códice manuscrito de *Curial e Guelfa*, existente na Biblioteca Nacional de Madrid (registro Ms. 9750), os três Livros de que se compõe a novela não são internamente subdivididos em capítulos e não constam subtítulos, mas espaços entre os vários fragmentos marcam, de modo implícito, as divisões expositivas internas de cada Livro. As duas primeiras edições impressas da novela, a de Antoni Rubió, em 1901, e a de Ramon Miquel i Planas, em 1932, tampouco incluíram subtítulos, mas apuseram números às divisões textuais do manuscrito. Já Ramon Aramon, na edição de 1930-1933, preferiu substituir os números por subtítulos que sugeriu, baseados no argumento contido em cada tópico. Na edição filológica

Mesmo assim, a reiteração da ideia de inveja, neles, é bem expressiva da importância que ela tem na novela.

Quanto ao texto da novela, nele o substantivo comum INVEJA aparece 23 vezes no singular e uma vez no plural:

[f.4] Enquanto essas coisas aconteciam assim, dois cavaleiros anciãos que Guelfa tinha em sua companhia, vendo Curial se comunicar tão frequentemente com Guelfa, e vendo-o crescer de estado e de conduta, pensaram que isso era obra de Guelfa e, movidos pela inveja, conversaram.⁵

[f.7v] E nisso tu poderias ser um verdadeiro juiz, caso desejassem, e saber se aqueles ou aquelas que te disseram isso foram movidos pela inveja ou para cair em tuas graças, porque eu, não sabendo quem são, não sei o que pensar.⁶

[f.8] Ao ouvir estas palavras, o marquês sentiu em seu coração que aquilo poderia ser inveja daqueles anciãos, pois não podia verdadeiramente crer que Curial tivesse cometido tamanha falta.⁷

[f.9] “– Ah, como sou infeliz! Que imensa desgraça será tão nobre senhora como aquela morrer por inveja de homens malvados!”⁸

[f.31] “– Senhor, meu irmão, hoje em dia são tantos os homens que, por inveja ou outra coisa, levantam calúnias contra as damas, que não se pode contar.”⁹

[f.36v] Movido pela inveja, Boca de Far disse: “– Pela minha fé, eu diria que o cavaleiro feriu bem com a sua espada, mas outros fizeram tanto quanto ele, segundo meu parecer.”¹⁰

[f.39] Curial, que tudo sentia, morria de ciúmes e de inveja; primeiro, porque pensava que Guelfa amava a Boca de Far; segundo, porque o marquês tinha mais estima por este e lhe fazia mais deferência, além do fato de não poder conversar com Guelfa, o que o consumia por dentro.¹¹

de Antoni Ferrando, que tomamos como base de nossa análise, foram mantidos, entre colchetes, os subtítulos sugeridos por Aramon, e dentro de cada capítulo o texto não é apresentado corrido, mas em parágrafos, o que facilita sobremaneira a leitura e a inteligência da novela.

⁵ [E mentre que aquestes coses axí anaven, dos cavallers ancians que la Güelfa tenia en sa companyia, veent Curial comunicar molt sovint ab la Güelfa, e veent-lo créxer d'estat e de manera, cuydant que açò fes la Güelfa, empesos per enveja, parlaren entre si]

⁶ [E en açò tu pories ésser ver judge, si ·t volies, volent conèxer, aquells o aquelles qui t'o han dit, si serien empesos d'enveja o per engraciar-se a tu, car yo, no sabent qui són, no ho sé pensar.]

⁷ [Lo marquès, oynt aquestes paraules, caygué-li en lo cor que açò poria ésser enveja d'aquells ancians, car verament ell no podia creure que Curial tal errada fes.]

⁸ [—Ay las! ¡E com serà gran dan que tan noble senyora com aquella dos malvats hòmens per enveja facen morir!]

⁹ [—Senyor germà, tants són vuy los hòmens qui, per enveja e en altra manera, lleven infàmies a les dones, que no ·ls poria hom comptar;]

¹⁰ [Boca de Far, mogut d'enveja, dix: —Per ma fe, yo ·m tench per dit que lo cavaller hage ben ferit de la sua spasa, emperò d'altres n'·i ha qui han fet tant com ell, segons lo meu parer.]

¹¹ [Curial, qui totes les coses sentia, moria de gelosia e d'enveja: una, perquè ·s tenia per dit que la Güelfa amàs Boca de Far; altra, perquè lo marquès lo tenia en més stima que a ell e li feya major festa, e semblantment perquè ell no podia parlar ab la Güelfa, de què de tot en tot dins si mateix se consumava.]

[f.47] Ao verem isso, os outros cavaleiros sentiram inveja, não da honra que eles recebiam, mas de não tê-las da mesma forma.¹²

[f.91v] Festa pensou que morreria de inveja e, cheia de ira, jurou causar a Curial outro desprazer que superaria este que ele lhe causara.¹³

[f.94v] [...] levaram o prêmio diante de sua donzela, e ela foi adiante, com todas as outras atrás dela, por mais que fossem grandes senhoras. Láquesis, a despeito disso, teve que seguir atrás, o que a fez morrer de inveja.¹⁴

[f.95] “– Sem dúvida, festa sois vós para todos os olhos que vos veem, exceto os de Láquesis, pois tenho quase certeza que têm inveja. Contudo, por minha fé, ela não deveria, porque Nosso Senhor também a fez muito bela.”¹⁵

[f.105v] Contudo, quando Curial estava presente, toda a atenção era sua, o que fazia com que os outros morressem de inveja e de ciúme.¹⁶

[f.107v] “– Pela minha fé” – disse o outro – “a negra inveja que vós tendes faz enfastiar-vos com aquilo em que os outros sentem prazer.”¹⁷

[f.107v] Curial, já um pouco irritado com as novidades do nobre homem, respondeu: “– Eu ainda não vi feitos do Javali que devam causar inveja a mim ou a qualquer outro.”¹⁸

[f.112] Tudo isso são ciúmes e inveja que lhe têm por minha causa, e todos dirão: ‘É por Láquesis que ele sofre essas coisas’.¹⁹

[f.118] [...] não creio que eles conseguiriam dormir naquela noite, pois a inveja, da qual eles estavam plenos, não teria consentido.²⁰

[f.118v] Ter inveja e devorar tuas entranhas por uma coisa que tu de maneira alguma podes ter é um trabalho sem proveito.²¹

[f.131] Que sua pessoa seja bela e graciosa, não preciso dizê-lo, pois, se a malícia ou a inveja não vos cegar, vereis tão bem quanto eu.²²

¹² [Los altres cavallers qui veren açò havien enveja, no de la honor que aquests aconseguien, mas de haver-ne altra tal.]

¹³ [Festa cuydà morir d’enveja, e, sobrada de ira, jurà fer a Curial altre desplaer qui muntaria queacom més de que aquest que ell li havia fet.]

¹⁴ [(...) feyen portar lo pris davant la sua donzella; e anava davant, e derrera d’ella totes les altres, per grans senyores que fossen. E Làquesis, a despit seu, li hach a fer coa, de què cuydà morir d’enveja.]

¹⁵ [– Sens falla, festa sóts vós a quants ulls vos miren, exceptats los de Làquesis, que .m tench per dit que n’han enveja; emperò, en ma fe, no li caldria, car assats e molt la ha nostre Senyor feta bella.]

¹⁶ [Emperò, com Curial hi ere, tota la festa ere sua, e los altres morien d’enveja e de gelosia.]

¹⁷ [– A la fe – dix l’altre – la negra enveja que li havets vos fa enujar de ço que .ls altres han plaer]

¹⁸ [Curial, ja encès un poch de les noves del noble home, respòs: – Yo encara no he vistes coses del Sanglier que dègan moure a enveja mi ne altre.]

¹⁹ [Açò tot és gelosia e enveja que li han per mi, e tothom diria: “Per Làquesis vénen aquestes coses”]

²⁰ [no .m pens que aquella nit haguessen dormit en alguna manera, car la enveja, de la qual ells eren plens, no .ls ho haguera consentit, ne .m pens encara que reposassen molt, pensant en quina manera li porien noure.]

²¹ [haver enveja e menjar-te les entràmenes per cosa que tu no pories haver en un partit ne en altre és treball sens profit.]

²² [Que sia bell de la persona e graciós, no m’o caldria dir, que si malícia o enveja no us té cegats, tan bé ho vets com yo.]

[f.135v] [...] ela lhe faz tanta festa que muitos lhe têm inveja, e eu creio certamente que se ela for para a Alemanha, ele não a deixará partir por nada desse mundo, pelo contrário, irá com ela.²³

[f.154v] Teus companheiros não terão inveja de ti.²⁴

[f.154v] Deus te chama e ordena que sejas Seu: escolhe sem esforço e sem perigo o Reino. Nele tu não terás medo de que os inimigos te matem; nele, a mísera inveja não tem lugar; ninguém cobiçará nenhum de teus bens²⁵

[f.221] Curial então trouxe um estandarte negro, com o falcão já desencapotado, com letras de ouro nas flâmulas que diziam: “Antes inveja que piedade.”²⁶

[f.222v] Ai, como Láquesis quis morrer, ferida por três invejas, isto é, pelo marido, pela beleza e pela festa!²⁷

[f.224] “[...] juro-vos que nenhum homem no mundo deve ter inveja de vós por isso, já que, se a tendes, muito bem a haveis, e, durante muitos anos, servindo-a, merecidamente e por um elevado preço a haveis comprado.”²⁸

O nome próprio INVEJA, com letra inicial maiúscula, enquanto personificação mitológica e antropomórfica da inveja, aparece no texto 11 vezes:

[f.117v] Ah, Inveja mesquinha e desventurada! Ah, velha, falsa e sem qualquer bem!²⁹

[f.129v] Vede quão escrava é a mesquinha Inveja, que, quanto mais honra recebe, mais a aborrece e faz com que deseje que sofraís um mal!³⁰

[f.133v] A Fortuna, que até aquele dia havia mostrado a Curial seu semblante alegre e extremamente risonho, [...] decidiu, pela falsa e iníqua Inveja que dela nunca se separa, prejudicar Curial com todo o seu poder.³¹

[f.133v-f134] Esses dois são cavaleiros anciãos da casa da dita senhora de Milão, os quais minha irmã e boa amiga, a Inveja, que aqui vedes, os tem bem próximos de si e nunca se separa deles [...]³²

²³ [ella li fa tanta festa, que molts li han enveja, e yo crech certament que si ella se'n va en Alamanya, ell no la lejarà per partit del món, abans se n'irà ab ella]

²⁴ [No hauran enveja de tu tos participants.]

²⁵ [Vet Déu que ·t crida e ·t mana que sies seu: elegeix regne sens treball e perill. En aquell no hauràs paor que ·t maten enemichs; en aquell la mísera enveja no ha loch; no cobejarà algun los béns teus]

²⁶ [Curial, ladonchs, tragué un estandart negre, ab lo falcó ja emperò desencapellat, ab unes letres d'or en les flàmols: *Ans anvie que pitié.*]

²⁷ [Ay, e com cuydà morir Laquesis, ferida de tres enveges, ço és, del marit, de la bellesa, e de la festa!]

²⁸ [(...) jur-vos que hom del món no us en deu haver enveja, que si la tenits, molt bé la havets, e, en molts anys, servint, merescuda, e a gran preu la havets comprada.]

²⁹ [A, mesquina e desaventurada Enveja! A, vella, falsa e sens algun bé!]

³⁰ [Vets quina macipa és la mesquina Enveja, que, quanta més honor li farets, més vos avorrirà e desijarà que hajats dan!]

³¹ [La Fortuna, que fins aquell jorn havia feta a Curial alegre e molt riallosa cara, requirida ab diverses instàncies, ans importunitats, per la falsa e iníqua Enveja, qui d'ella nulls temps se parteix, deliberà, noent al dit Curial per tot son poder.]

³² [Aquests són dos cavallers ancians de casa de la dita senyora de Milà, los quals ma sor e bona amiga mia, la Enveja, que ací vets, ha tenguts ben a prop, que d'ells nulls temps se és partida]

[f.135] Ordenou, pois, à Inveja que fosse até os anciãos e ficasse perto deles, e aos Infortúnios que fossem até Curial e dele não se separassem.³³

[f.135] Desse modo, a Inveja de um lado e os Infortúnios de outro, foram percorrer os caminhos aos quais estavam mandados.³⁴

[f.157v] Contudo, a Fortuna, que ainda não estava satisfeita com os danos feitos a Curial, a instâncias da Inveja, havia desejado sua morte quando saíra de Alexandria [...]³⁵

[f.165v] Que Deus me empreste essa amiga e parenta tua, a Inveja, que está aqui e não se separa de mim.³⁶

[f.172v] Contudo, a Fortuna e a Inveja, que nunca dormem, de um modo ou de outro enfureceram a Netuno, deus do mar [...]³⁷

[f.216] Eu já vos fiz companhia por muito tempo contra Láquesis, e ainda hoje minha sombra vos toca um pouco. Sabei que sou uma pobre dama, pois sirvo sem soldo, e me chamo Inveja.³⁸

[f.223] [...] não obstante os assaltos secretos da iníqua e pérfida Inveja, foi novamente e de tal maneira elevado que esse valente e virtuoso cavaleiro, em um só dia, por seus méritos, obteve um principado e uma mulher.³⁹

O verbo INVEJAR aparece 3 vezes no texto da novela:

[f.5] O honorável homem, que já sabia que aquele início só poderia ter tal desenlace, admoestou o jovem, rogou-lhe que fosse discreto, cauteloso, e que tivesse mais senso do que nunca, pois todos o olhavam como um espelho, que já era muito invejado e agora o seria muito mais.⁴⁰

[f.39-f.39v] Guelfa, que não invejava menos a Láquesis, mandou dizer a Curial que entregasse o leito e os adornos de Láquesis, tal como ela os dera, pois ela os queria para si.⁴¹

³³ [E manà a la Enveja que se n'anàs als ancians e .ls tengués a prop, e als Infortunis que se anassen a Curial e d'ell no .s partissen]

³⁴ [Per què la Enveja per una part, e los Infortunis per altra, feren lur camí allà on eren enviats.]

³⁵ [Emperò la Fortuna, qui no era encara contenta dels dans que a Curial, a instància de la Enveja, procurats havia, volguera que en lo partir d'Alexandria perís]

³⁶ [Prest-me Déu aquesta parenta e amiga mia la Enveja, que ací és e no .s parteix de mi]

³⁷ [Emperò la Fortuna e la Enveja, qui no dormien, per unes vies e per altres enfelloniren Neptumpno, déu de la mar]

³⁸ [Ja us fiu companyia gran temps contra Laquesis, e encara vuy vos toca algun poch la mia sombra. Sapiats que són una pobre dona, e servesch sens soldada, e he nom Enveja.]

³⁹ [no obstant los assalts secrets de la iniqua e porfídiosa Enveja, fonch remuntat en tal manera, que lo valent e virtuos cavaller, en un jorn, per sos mèrits, obtengué principat e muller.]

⁴⁰ [Lo prom, qui ja dies havia que .s tenia per dit que aquella entrada aquesta exida devia haver, monestà lo jove pregant-lo molt que fos secret e cautelós, e que en açò havia mester més seny que en altra cosa, per ço que tothom se mirava en aquell spill, e que ja era molt envejat e ara ho seria molt més.]

⁴¹ [La Güelfa, que no havia menys enveja a Làquesis, tramés a dir a /f.39v/ Curial que li donàs lo lit e los paraments de Làquesis, axí com los li havia donats, car ella .ls volia per a si,]

[f.118] Se somente invejasses as coisas pertinentes a ti e, perdendo-as outro, tivesses a certeza de poder tê-las, embora já fosse um grande pecado isso não seria tão abominável.⁴²

O adjetivo ou o adjetivo substantivado INVEJOSOS, quase sempre em referência aos dois velhos inimigos de Curial, aparece explicitamente 6 vezes:

[f.2v] Assim, encontrando-se abatido e desfavorecido, ele não se colocava entre as pessoas como estava acostumado, mas, pelo contrário, estava isolado, e alguns invejosos, dos quais as casas dos grandes senhores estão cheias, tinham nisso um grande prazer.⁴³

[f.5v-f.6] Os invejosos, perturbados, não sabiam o que fazer, tampouco podiam presenciar nada que fosse repreensível, a não ser a frequência de idas e vindas de ambos e, de modo semelhante, a ascensão de estamento de Curial, que lhes parecia vir dela.⁴⁴

[f.77] Conforme haveis procedido pelo caminho, deveis pensar que tereis muitos inimigos, e invejosos, e que vos serão a pior companhia do mundo.⁴⁵

[f.122] Não suspeitava que os cães invejosos, não por seu bem, mas por seus feitos, o tivessem tirado da selva, estimulando-o com diversas formas de latidos e muitas mordidas.⁴⁶

Acrescente-se ainda que mais 47 vezes o adjetivo INVEJOSOS marca presença no texto da novela, conquanto omitido por silepse, em referências a Ansaldo e Ambrósio, que foram 44 vezes designados como “anciãos [invejosos]”, e três vezes como “cavaleiros [invejosos].”

O simples levantamento quantitativo vocabular já seria suficiente para caracterizar a utilização da inveja, em *Curial e Guelfa*, como *leitwort* – palavra-chave, na conceituação de Martin Buber (1878-1965), para designar a técnica de repetição de palavras utilizada pelos escritores da Bíblia hebraica e muito frequente nas modernas literaturas europeias.⁴⁷ A utilização de palavras-chaves temáticas é recurso que se tornou tão habitual que quase passa despercebido nas literaturas do Ocidente, que sofreram forte influência cultural da literatura oriental.

Entretanto, é na análise interna da trama da novela que se pode aquilatar o papel fundamental que nela tem a inveja, esse sinistro elemento que tanto influenciou a vida de Curial, e que de certo modo até condicionou o desenrolar das suas aventuras e desventuras.

⁴² [Si solament envejaves les coses pertinents a tu, e que, perdent-les l'altre, tu les poguesses haver, e d'açò fosses certa, no obstant que és gran peccat, no seria tan abhominable.]

⁴³ [Per què, trobant-se abatut e desfavorit, no 's metia avant axí com solia, ans s'estava apartat, de què alguns envejosos, dels quals totes les cases dels grans senyors són plenes, havien molt gran plaer.]

⁴⁴ [Los envejosos, torbats, no sabien què 's fessen, ne podien veure cosa que de rependre fos, sinó la freqüentació /f.6/ de l'anar e venir e, semblantment, lo creximent de l'estat de Curial, que 'ls era vijares que d'ella isqués.]

⁴⁵ [segons ço que havets obrat pe lo camí, devets pensar que haurets molts enemichs e envejosos, e que us faran la pijor companyia del món.]

⁴⁶ [Ne pensava que los cans envejosos, no per bé del Sanglier, mas per fer sos fets l'aguessen tret de la selva, stimulant-lo ab diverses maneres de ladrars e còpia de morsos.]

⁴⁷ O conceito de *leitwort*, explicitado pelo filósofo e linguista judeu Martin Buber (1878-1965), é elemento importante para a compreensão da literatura oriental *in genere*, e da bíblica em especial. Ver a respeito Alter.

2. Análise interna da novela

A inveja marca presença na trama da novela, em primeiro lugar, pelo papel fundamental que nela tem esse sentimento ou paixão. De fato, os ciúmes e as desconfianças de Guelfa em relação ao herói, que provocaram tantos problemas e dissabores a ele e condicionaram todo o desenrolar do seu drama ao longo de anos a fio, foram diretamente causados, desde o início, e foram azedados episódica, mas persistentemente, pela inveja dos dois cavaleiros idosos em relação a Curial.

Desde o início da trama, Curial, o herói celebrado na obra, destacou-se pela beleza, pela inteligência, pelo valor intelectual e moral, assim como pela força física e pela valentia. Essas qualidades não podiam deixar de atrair a inveja de pessoas menos dotadas de seu *entourage*, que se sentiam incomodadas pelo brilho excepcional do protagonista e o julgavam obstáculo a que elas próprias tivessem seus talentos reconhecidos e premiados como pretendiam.

Todos os dissabores, todas as aflições e vicissitudes por que ele sucessivamente passou, até o desfecho feliz em que conseguiu, afinal, casar com sua amada, têm origem na inveja. Todo o drama de Curial – o afastamento físico de Guelfa, seu prolongado exílio como cavaleiro errante, as mudanças na “roda da Fortuna”⁴⁸ ao longo desse exílio, os cruciantes padecimentos que lhe infligiram os ciúmes doentios e nem sempre inteiramente infundados da possessiva Guelfa, os riscos físicos por que passou em anos seguidos de lutas e torneios, até mesmo o longo e cruel cativeiro na África maometana – se liga à inveja malévola que logo no início da trama, ainda na corte de Montferrat, conceberam por Curial os dois cavaleiros velhos roídos pela inveja. Não apenas esses anti-heróis desencadearam o processo que, por via de consequência, determinou o desenrolar do drama de Curial, mas alimentaram continuamente esse processo, nele interferiram e procuraram sempre criar obstáculos a Curial, de modo a envenenar as relações deste com Guelfa e, mais amplamente, com toda a sua roda de sociabilidade.

A inveja também esteve na raiz dos três grandes duelos decisivos que marcaram as duas primeiras fases da vida de Curial – o primeiro deles travado na Alemanha, em defesa da duquesa Cloto, que fora falsamente incriminada de adultério por um cavaleiro invejoso (capítulos I.20 e I.21); a segunda, contra Boca de Far, o cavaleiro napolitano que, atizado pelos invejosos inimigos de Curial, rivalizava com este na conquista do amor de Guelfa (capítulo I.31); a terceira, no combate mais paradigmático de toda a novela, contra o Javali, cavaleiro francês estimulado pelos invejosos a competir com Curial (capítulos I.43 e I.44).

Em duas passagens da novela, explícita e formalmente, a inveja é bem caracterizada em toda a sua hediondez moral. Numa delas, é feita uma imprecisão à inveja (capítulo II.97), que mais extensamente analisaremos adiante; na outra, a inveja é antropomorficamente descrita, num sonho de Guelfa compartilhado pela abadessa, sua amiga e confidente (capítulo III.94). Essas passagens, carregadas de simbolismo evidente, revelam quando bem analisadas um conteúdo psicológico, filosófico e até teológico de grande profundidade, a par de implicações de caráter sociológico, e podem ser relacionadas de modo bastante próximo com o eixo temático da novela; em outras palavras, não são apenas episódios colaterais e acessórios, colocados à maneira de digressões literárias ou enfeites, mas são algo de muito central e de grande importância.

A inveja também aparece, por vezes explicitamente, por vezes de modo implícito – subjacente, disfarçada ou encoberta por outros sentimentos ou paixões, como ciúmes, ambição, competitividade etc. – em diversas outras passagens do enredo, referindo-se a personagens não centrais da trama, ou a circunstâncias colaterais.

⁴⁸ Ver, a respeito, Costa & Zierer, 2000.

Poder-se-ia também acrescentar uma passagem episódica, mas fulcral no conteúdo ideológico da novela, em que o sentimento da inveja é nobre e mutuamente superado por dois antagonistas – Curial e o Javali (capítulos II.105 a II.107, III-9 e III.10). As consequências dessa superação são profundas e envolvem, a nosso ver, o conteúdo mais recôndito da novela. Em nosso modo de entender, a confrontação JavaliXCurial exprime e simboliza, à maneira de parábola, a profunda confrontação de mentalidade e até mesmo de cosmovisão entre o Medievo e os tempos novos do Humanismo.

Ao longo de toda a novela, aparecem numerosos exemplos de atitudes de pessoas de espírito nobre e elevado, que não se mostram infectadas pela inveja, mas, pelo contrário, mostram-se capazes de admirar sinceramente outras pessoas próximas nas quais reconhecem alguma superioridade natural ou moral. No contexto da novela, a presença desses exemplos pontuais de anti-inveja constitui uma espécie de confirmação *à rebours* do fato de ser a inveja *leitmotiv* de Curial e Guelfa.

No que diz respeito especificamente à inveja, não se nota, em todo o texto da novela, que o seu autor faça referências de modo claro ou subentendido a autores clássicos gregos ou romanos; essas referências são frequentes em múltiplos aspectos da novela, mas no que diz respeito à inveja, parece que a referência mais presente ao espírito do redator é aquela proveniente dos textos bíblicos e do pensamento geralmente compartilhado no tempo, dos Padres da Igreja e dos autores espirituais em voga.

A análise textual da novela permite concluir que seu autor, sem embargo de profundamente imbuído pelo humanismo e pelos valores da Antiguidade Clássica,⁴⁹ e sem embargo ainda de ter figurado a Inveja personificada como uma divindade mitológica,⁵⁰ entendia a inveja claramente como a entendia a teologia cristã da época, ou seja, como um “gran pecat” (f.118v). Se dúvida houvesse acerca de ser tal visão aquela compartilhada pelo autor de *Curial e Guelfa*, bastaria a análise, com pressupostos teológicos, da Imprecação à Inveja para de todo dirimi-la. Essa referência continua à condenação moral da inveja, com fundamento religioso cristão, está subjacente em toda a obra, mas explicita-se de modo especial nessa imprecação, que passaremos a analisar.

3. A Imprecação à Inveja

No capítulo II.97, o autor de *Curial e Guelfa* suspende momentaneamente o estilo narrativo adotado de modo quase uniforme e invariável ao longo de toda a sua obra, para formular uma veemente “Imprecação à Inveja.” São facilmente identificáveis, nesse capítulo, as referências psicológicas, artísticas, culturais e religiosas compartilhadas no tempo e no espaço em que vivia. Até mesmo os conhecimentos bíblicos e teológicos do autor da novela são manifestados nessa imprecação dirigida à personificação do vício capital da inveja.

Dada a extrema importância desse capítulo para a avaliação do papel primordial que representa a inveja na novela, merece ser transcrito na íntegra e comentado passo a passo:

⁴⁹ A forte influência humanística da novela denotada pela novela *Curial e Guelfa* foi analisada pormenorizadamente por Butinã Jiménez.

⁵⁰ Como observou o Prof. Antoni Ferrando, “a maior parte dos estudiosos do nosso texto, pelo menos até o final dos anos oitenta, menosprezou, até considerá-la prescindível, toda a ‘tramoia alegórica e mitológica’ – para usar as palavras do próprio [Marti de]Riquer – que se inicia no final do livro segundo, em que a Fortuna e os Infortúnios adquirem uma notável relevância narrativa” (*Curial e Guelfa, joia da narrativa europeia do século XV*. In: *Curial e Guelfa* - tradução de Ricardo da Costa, p. 39). Na verdade, os elementos mitológicos presentes na novela não foram meros enfeites acessórios explicáveis somente pelos critérios estéticos do tempo em que foi escrita, mas se revestem de real importância e significado.

Ah, Inveja mesquinha e desventurada!
Ah, velha, falsa e sem qualquer bem!⁵¹

Comentário: A inveja é mesquinha, ou seja, é inimiga de toda forma de grandeza. Uma irreparável mediocridade acompanha os invejosos; são incapazes de admirar sincera e desinteressadamente, e por isso se privam das ascensões espirituais, morais e culturais que estão ao alcance dos espíritos humildes, os quais, justamente por não invejarem os superiores, sabem admirar, transcender e superar as próprias deficiências e se beneficiam, indiretamente, das superioridades alheias.

A inveja é, também, desventurada, infeliz, desgraçada! A infelicidade profunda e a frustração mais completa são características indissociáveis do invejoso!

A inveja é, ademais, muito velha: ela se manifestou desde o início do gênero humano e já existia até mesmo antes de ele ser criado. É falsa e “*sem qualquer bem*”, ou seja, é integralmente má. Nada há de aproveitável ou de deleitável na inveja, somente aflições, tormentos e dores ela produz no espírito de quem se entrega a ela. Todos os outros vícios e pecados proporcionam alguma espécie de compensação ou prazer, mas a inveja somente aflige e atormenta.⁵²

Como ousas vir até aqui, com o rosto macilento, totalmente enrugado, os olhos lacrimosos e a cabeça trêmula, a meter-se até os ossos desses dois velhos!⁵³

Comentário: A frase é curta, mas de um realismo impressionante. Dir-se-ia que quem a escreveu tinha diante dos olhos, ou pelo menos conservava na memória a figura da inveja pintada por Giotto na Capella Scrovegni, de Pádua!⁵⁴ A expressão “meter-se até os ossos” parece remeter à metáfora enérgica do texto bíblico “a inveja é a cárie dos ossos” (Pr 14,30).

E o que te fez aquele valente cavaleiro, ou qual a razão para maltratá-lo? Vejamos que proveito tu tens com esta tua danada e horrível condição! Como podes pensar que, ainda que Curial caia do estado no qual se encontra, tu melhorarias um dedo, já que suas virtudes não seriam transportadas para ti, nem tu lhe sucederias nos bens ou nas vitórias?⁵⁵

Comentário: A inveja é gratuita e arbitrária, pois se volta contra uma pessoa – no caso, Curial – que de modo algum prejudicou ou fez mal aos que o invejam. E estes nada lucram com a inveja, pois ainda que conseguissem fazer ao invejado todo o mal que lhe desejam, isso de nada lhes aproveita, já que não adquiririam suas qualidades nem lhe herdariam os bens e as honras.

Se somente invejasses as coisas pertinentes a ti e, perdendo-as outro, tivesses a certeza de poder tê-las, embora já fosse um grande pecado isso não seria tão abominável, mas ter inveja e devorar tuas entranhas por uma coisa que tu de maneira alguma podes ter é um trabalho sem proveito, pois Guelfa, perdendo

⁵¹ [A, mesquina e desaventurada Enveja! A, vella, falsa e sens algun bé!] (f.118)

⁵² Ver, a respeito, Fusaro; ver também Viana.

⁵³ [¿Com véns, ab la cara magra, tota rugada, los ulls lagrimosos e lo cap tremolós, a metre’t dins los ossos d’aquests dos vells?] (f.118-118v)

⁵⁴ Uma análise descritiva e interpretativa desse afresco de Giotto pode ser encontrada em Costa & Santos 2015b. Ver também: Pisani e Selvatico.

⁵⁵ [¿E què t’ha fet aquell valent cavaller, o quina rahó has de maltractar-lo? Vejam quiny profit te ve d’aquesta tua dampnada e avorrible condició, ¿Com no penses que encara que Curial caygués de l’estat en que és, tu, no te’n milloraries de una agulla, car les virtuts sues no .s mudarien en tu, ne li series sucesora en los bens ne en les victòries?] (f.118v)

Curial, não te acolherá em seu lugar, nem te dará o que a ele dá, pelo contrário, talvez se retraia em menor estado, de modo que te expulsará de sua casa, por não ter mais a necessidade de muitos servidores.⁵⁶

Comentário: A mesma ideia já formulada no trecho anterior da impreciação é, aqui, mais desenvolvida e aplicada nos pormenores. Já seria um grande pecado invejar coisas possíveis de alcançar e que certamente seriam alcançadas com a ruína do outro, mas muito mais abominável e contrário à sabedoria é invejar algo que a sã razão mostra ser impossível de alcançar. No caso concreto, por que deixar-se devorar as entranhas e roer os ossos pela inveja, apenas para Guelfa não casar com Curial, se é evidente que não se casará com nenhum dos dois invejosos, e estes, ademais, ainda poderão sair prejudicados com uma eventual mudança no teor de vida da duquesa viúva de Milão? É de se notar a referência à inveja como sendo “um grande pecado.” Essa referência tem nítida inspiração religiosa, que se tornará ainda mais clara e explícita na sequência da impreciação.

Oh, quão mesquinha e prisioneira é a tua condição, que não aproveita nem a ti nem a outro, e sempre se esforça em vão! Dizes que te alegras e tens prazer em ter-lhe danado? Não podes pensar que talvez seja mais odioso seu sucessor, de modo que tu não te cures dessa horrível doença, mas, pelo contrário, vás de mal a pior?⁵⁷

Comentário: Vãos são os sofrimentos que a si mesmo se inflige o invejoso! Falsos e ilusórios são o prazer e o contentamento que sente ao fazer mal ao invejado!

Responde-me: que bem fez expulsar os anjos do Céu, fez pecar o primeiro pai, e tantos outros grandes males que por tua culpa ocorreram? Certamente não o reconheceram bem os judeus quando acusaram o Salvador: vê o que eles ganharam contigo.⁵⁸

Comentário: Até o tópico anterior da impreciação, era quase exclusivamente de cunho psicológico e baseada no senso comum a sua inspiração; já neste curto e denso tópico, é na Revelação e na experiência histórica que o autor de Curial e Guelfa busca apoio, para mostrar que nenhum bem pode produzir por si mesma a inveja. Do ponto de vista teológico, está corretíssimo e passaria sem objeções pela crítica do mais severo inquisidor:

1) Foi por invejar a Deus que o orgulhoso Lúcifer se revoltou, arrastando consigo grande número de anjos transformados em demônios. É o que se lê na Escritura:

⁵⁶ [Si solament envejaves les coses pertinents a tu, e que, perdent-les l'altre, tu les poguesses haver, e d'açò fosses certa, no obstant que és gran pecat, no seria tan abhominable; mes haver enveja e menjar-te les entràmenes per cosa que tu no pories haver en un partit ne en altre, és treball sens profit, car la Güelfa, perdent Curial, no acolliria tu en loch d'aquell, ne donaria a tu ço que a ell dóna, ans per ventura se retrauria en menor estat, en manera que .t foragitaria de la sua casa, no havent mester tan gran nombre de servidors.] (f.118v)

⁵⁷ [O, bé és mesquina e cativa condició la tua, que no aprofites a tu, ne a altre, e tots temps treballes sens profit! ¿Dius que t'alegras e has plaer en haver nogut a aquell? ¿No pots pensar que per ventura serà pus odiós a tu son successor, en manera que tu no guarescas d'aquexa avorrible malaltia, ans tots temps de mal en pijor vages?] (f.118v)

⁵⁸ [Respon me: ¿quiny bé se seguí a tu en fer lançar los àngels del cel, en fer pecar lo primer pare, e tants altres e tan grans mals com per causa tua se són seguits? Certes no .t conegueren bé los jueus en la acusació del Salvador; vegen ausades ço que han guanyat ab tu] (f.118v)

Como caíste do céu, ó astro brilhante, que ao nascer do dia tanto brilhavas? Como caíste por terra, tu que ferias as nações, que dizias no teu coração: Subirei ao céu, estabelecerei o meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei sobre o monte da aliança, situado aos lados do aquilão. Sobrepujarei a altura das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, foste precipitado no inferno, até o mais profundo dos abismos. (Is 14, 12-15)

2) Foi por inveja de Adão e Eva, elevados por Deus à ordem sobrenatural que irremediavelmente perdera, que o demônio influenciou Eva e levou Adão ao Pecado Original. Isso está muito claramente afirmado no Livro da Sabedoria: “Deus criou o homem imortal, e o fez à sua imagem e semelhança. Mas, por inveja do demônio, entrou no mundo a morte; e experimentam-na os que são do partido dele” (Sb 2,23-25). O modo como a serpente tentou Eva, de acordo com o Gênesis, foi precisamente despertando nela um sentimento de inveja em relação a Deus, pois lhe assegurou que, se comesse do fruto proibido, ela e Adão seriam “como deuses” (“eritis sicut dii” – Gn 3,5).

3) Foi igualmente um sentimento de inveja que, já no início da história humana nesta terra, esteve na raiz do primeiro crime de morte, quando Caim matou seu irmão Abel, como fica muito claro no relato circunstanciado do episódio, constante do Livro do Gênesis (4, 1-16; Kim). Depois desse primeiro crime de morte, causado pela inveja, ao longo de toda a História, “tantos outros males por tua culpa ocorreram.”

4) A inveja foi ainda o móvel que levou os Príncipes dos Sacerdotes israelitas a acusarem Jesus Cristo diante do tribunal de Pôncio Pilatos, fato que não passou despercebido ao próprio governador romano, que ainda tentou salvar Jesus Cristo propondo sua soltura (como era costume ser feito com um prisioneiro, por ocasião da solenidade da Páscoa), “porque sabia que o haviam entregado por inveja” (Mt 27, 18).

Sem embargo da inspiração humanística que informa toda a novela Curial e Guelfa, essa passagem deixa muito claros os referenciais culturais cristãos que tinha seu autor ao tratar da inveja. Embora a tenha personificado, no Livro Terceiro, à maneira de divindade mitológica, é bem cristã a noção que dela parecia ter.

Se todos te conhecessem tão bem quanto eu, tu não encontrarias pousada onde quer que fosses. Deixa, falsa e má, que cada um se dedique à sua escolha; afasta-te dos homens, pois teus modos caninos são odiosos a Deus e às gentes.⁵⁹

Comentário: Concluindo a Imprecação à Inveja, o autor manifesta o desejo de para sempre expulsá-la do convívio humano, já que ela é odiosa a Deus e aos homens; que ela deixe os homens em paz, cada qual por si, de acordo com suas próprias condições e livres escolhas (“Lexa treballar cascú en sa elecció”), sem que uns sejam impelidos a invejar outros.

O presente texto já se achava quase por inteiro redigido quando a autoria, até então considerada anônima de Curial e Guelfa, foi em 2016 documentadamente atribuída a Enyego D'Àvalos, personagem que foi, ao mesmo tempo, admirado e vitimado por

⁵⁹ [e si totes les gents te coneguessen tan bé com yo, no trobaries posada enloch on anasses. Lexa, falsa e mala, treballar cascú en sa elecció, e parteix-te dels hòmens, car la tua canina manera és a Déu e a les gents odiosa.] (f.118v)

invejosos, que viam com maus olhos sua grande influência na corte napolitana de Afonso I (Soler 2017a, 48-50). O estudo de sua biografia poderá eventualmente lançar novas luzes para o estudo da inveja em *Curial e Guelfa*, sobretudo considerando o caráter autobiográfico que, em múltiplas passagens da obra, revela seu autor.

Obras citadas

- Alter, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Alter, R. & F. Kermode eds. *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- Anònim. *Curial e Güelfa - Introducció i edició filològica per Antoni Ferrando*. Toulouse: Anacharsis, 2007.
- Anônimo. *Curial e Guelfa*. - Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa - Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutório e edição de base: Antoni Ferrando. Santa Barbara, CA: eHumanista, 2011.
- Bíblia Sagrada*. Tradução da Vulgata Latina pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 39ª. ed., 1982.
- Butiñá Jiménez, J. *Tras los orígenes del Humanismo: El Curial e Güelfa*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2000.
- Costa, R. da & A. Zierer. “Boécio e Ramon Llull: A *Roda da Fortuna*, princípio e fim dos homens.” *Revista Convenit Internacional* 5 (2000).
- Costa, R. da & A. A. dos Santos. “A Inveja em Curial e Guelfa (séc. XV) e sua representação na Arte do outono da Idade Média.” *Mirabilia* 20 (2015): 159-179.
- . “A Inveja na Arte medieval e Renascentista.” Em *XI Encontro de História da Arte Da percepção à palavra: Luz e Cor na História da Arte*. Campinas-SP: UNICAMP/IFCH/CHAA, 2015. 498-505.
- Ferrando, A. “Curial e Guelfa, joia da narrativa europeia do século XV.” Em *Curial e Guelfa*. Primeira tradução para o português e notas: Ricardo da Costa – Revisão: Armando Alexandre dos Santos. Estudo introdutório e edição de base: Antoni Ferrando. Santa Barbara, CA: eHumanista, 2011. 23-56.
- Fusaro, E. “Il potenziale distruttivo dell’invidia.” Em P. Scquizzato. *L’inganno delle illusioni – I sette vizi capitali tra spiritualità e psicologia*. Cantalupa, Turim: Effatà Editrice, 2010. 239-252.
- Kim, A. Y. *Cain and Abel in the Light of Envy: A study in the history of the interpretation of Envy in Genesis 4.1-16*. University of Notre Dame, 2001.
- Pisani, G. *I volti segreti di Giotto. Le rivelazioni della cappella degli Scrovegni*. Milão, 2008.
- Selvatico, P. E. *Sulla Cappellina degli Scrovegni nell’Arena di Padova e sui freschi di Giotto in essa dipinti*. Pádua: Tip. Della Minerva, 1836.
- Soler, A. “Inico d’Avalos. La «caballería humanística» y el Nápoles de Alfonso I: Curial e Güelfa.” *Archivio Storico per le Province Napoletane* CXXXV (2017): 33-60.
- . “Enyego d’Àvalos, autor de Curial e Güelfa?” *Estudis Romànics* 39 (2017): 137-165.
- Viana, M. G. *A Psicologia da Inveja*. Porto: Editorial Domingos Barreira, s/d.